

Docente de Semiótica na Universidade de Roma Tor Vergata, onde ministra atualmente a disciplina Comunicação e Semiótica de Eventos Esportivos. Sua paixão por esportes como jogador ou torcedor é no momento uma ameaça à saúde de seu joelho e ao acúmulo de trabalho. Não perde a esperança de dirigir, um dia, a nação sarda de futebol.
E-mail: franciscu.sedda@gmail.com

Maradona e a explosão: das mãos de Deus ao poema de gol¹

*Maradona and the explosion:
from God's hands to the goal poem*

[resumo] O texto trata do entrelaçamento e inter-relação tensiva entre política, estética e esporte, explorando estratégias de gol do jogador Diego Armando Maradona.

[palavras-chave]

futebol; Maradona; narrativa; gestualidade.

[abstract] This paper deals with the tensive interlacing and inter-relation between politics, aesthetics and sports by exploring the goal strategies of Diego Armando Maradona soccer player.

[key words] soccer; Maradona; narrative; gestuality.

Há momentos em que o esporte, a política e a estética se entrelaçam inesperadamente. Existem situações, até mesmo dentro de um simples jogo de futebol, nas quais a tensão é levada ao máximo e parece tornar-se terreno fértil para a explosão da criatividade. Nada garante que a tensão não se revele; o prelúdio é justamente a causa de uma implosão: embaraçante paralisia ou rumoroso fracasso. Porém, dentro de uma situação de procura ou involuntária crise, a imaginação parece poder fazer nascer enunciações inesperadas – desde Aristóteles até o senso comum é notória a ligação entre melancolia e gênio, a perda e o gesto criativo, a dor e a poesia (SEDDA, 2003). São, de fato, enunciações inesperadas: atos expressivos ou expressões ativas que se oferecem como pequenos ou grandes momentos de beleza, emoção, turbamento; espaço-tempo, no qual o corpo e o mundo novamente se expõem um no outro.

Que Argentina-Inglaterra, naquele México 1986, naquele 22 de junho, em Azteca, fosse uma partida tensa, um momento de crise, já era sabido; inclusive eu, à época, com 10 anos de idade, sabia e, ansioso, me coloquei diante da televisão. Não era preciso ser um especialista em geopolítica para entender que, naquela quarta de final de Copa do Mundo, não só se ritualizava a disputa entre o futebol europeu e aquele latino-americano, entre o continente que se proclamava o berço do futebol e aquilo que, de fato, o tinha levado a picos de criatividade artística², porém, sobretudo, se repropunha em forma transfigurada, mas não menos palpável, o conflito político-militar que, poucos anos antes, teria envolvido Argentina e Inglaterra pela posse das Malvinas/Falkland e que, embora aparentemente fora do tempo, retoma uma longa história do colonialismo Europeu (ao qual, entre outros e, por vezes, respondiam brutais regimes ditatoriais) ao redor do mundo.

Dentro desse conjunto de histórias – a história do futebol, a competição mundial, a guerra política e militar – quase a querer cortar o emaranhado, o nó górdio com um único golpe de espada, explodia aos 51 minutos do segundo tempo Diego Armando Maradona.

O salto daquele jogador, tão sublime, em seu jogo de pés, mas não certamente famoso pela sua altura ou pelos seus golpes de cabeça, se apresentava ao olhar do espectador como o deslizar de um peixe fora d'água, fora de seu *habitat*, onde, no máximo, tinha o azar e

o risco de ser dominado. O pequeno Maradona diante do grande Peter Shilton, com seus braços estendidos: o peixe contra o pescador pronto a prendê-lo com as mãos, ou, retornando à leitura corpóreo-política, o pequeno Davi contra o gigante Golias. E, em seu deslizar, um instante, um brilho inesperado que nos cega. Maradona atinge a bola que rola muito além de Shilton e entra no gol. Possível? O que aconteceu? Como foi possível acontecer? O intenso instante do deslize se prolonga e dilata até parar o tempo. Os olhos são obrigados a parar de observar e passam a ver, e o corpo de quem assiste à partida é chamado em causa: por um longuíssimo instante o espectador incrédulo sente que está vendo, o seu corpo supera a distância da tela de televisão e do espaço e se faz presente ao evento, ao acidente inesperado, impensado. Entre a suspensão e a repartida do tempo, o corpo inicia a pensar sobre si mesmo e sobre o mundo: Estou olhando... mas o que eu vi?! O que realmente aconteceu?!

A metáfora impensável e ardente, a "junção do que não se pode juntar"³, se apresenta como louca e desregulada inspiração, como gesto arbitrário e ofensivo da razão comum, do sentido tradicional dado e estabelecido. Existe sempre um quê de naturalmente imoral – de qualquer ponto de vista –, no gesto ou na palavra, que se subtrai às regras estáveis, que se prende ao jogo. Há sempre alguma coisa de "sagrado" nessa ruptura do ritmo comum, no brusco atravessar de isotopias⁴, no cruzamento de planos de sentidos, que são e que devem continuar separados. Como se a ruptura das regras e a sua eficácia, o seu andar a bom fim, possa ser tal somente porque foi desejada por uma entidade superior, uma instância que a regula, a faz (e a desfaz) ao seu bem-querer.

Existe, realmente, tudo naquela definição calorosa dada por Maradona – "a mão de Deus" – que passará a ser a "voz do povo" (seguramente do povo argentino). Reivindicada assunção de um gesto irregular, imprevisível, imoral, delega, aquele mesmo gesto, a uma unidade sagrada, um destinatário – traduzindo semioticamente – que vai avante rompendo as regras, por um bem e uma justiça superior, para reconstruir a trama de uma narração que é muito mais – inicia antes e vai além – daquela partida de futebol.

De fato, antes que o replay da cena aconteça, que o comentário televisivo se inicie ou que o discurso social aconteça, os corpos explodem.

O corpo de Maradona e dos espectadores conjuntamente, suspensos no ar – o salto do jogador, os empurrões e o saltitar dos corpos que assistem à partida – entre o supremo gesto atlético e a suprema astúcia, entre o poder-fazer aquilo que parece impossível e o saber-fazer aquilo que é proibido, entre a necessidade de escolher (e não poder realmente fazê-lo), entre o visível e o visto, o saber e o crer.

O replay, o comentário televisivo, o discurso social acontecem na sequência e sabe-se que, ainda hoje, dividem opiniões entre os apaixonados por futebol, não somente entre a valoração de imoralidade ou astúcia mas em relações e processos significativos que se desdobram com o passar do tempo. Maradona aqui é o homem contra a lei, o árbitro contra o árbitro, o indivíduo contra a sociedade ou, até mesmo, Ulisses que engana Polifemo, o fraco que se faz forte, que faz justiça a qualquer custo e com todos os meios disponíveis.

Chega o replay com cenas do fundo do gol e desfaz cada possível dúvida da mudança de placar, e, enquanto a reprise transcorre, os argentinos festejam, os ingleses protestam, e a distância entre eles se faz enorme, se faz cada vez maior.

O gesto explosivo, nesse caso, não desfaz de modo algum a tensão criando um espaço unificado⁵, mas a redobra, exalta o contraditório, reforça a crise. O espaço não se abre e não se unifica, mas parece mesmo se fechar. Os corpos dos argentinos que se abraçam em comemoração. Os corpos dos ingleses que circundam o árbitro na busca de salvação.

Se a tensão manteve, ao calor, um imprevisível gesto desregulado, a "tensão da tensão" que agora se cria passa a ser o prelúdio do combate. Combate de sentimentos: atrações/repulsões, admiração/culpabilidade. Luta dos corpos: se um usa as mãos, todos levantam as mãos. Quantas vezes o futebol se degenera em briga e se torna paródia do box ou das artes marciais?

Na "tensão da tensão" se abre, entre Argentina-Inglaterra, um espaço-tempo de reversibilidade no qual futebol e guerra se fundem e confundem, em que cada um é mais que a metáfora do outro ou no qual é difícil dizer onde inicia realmente um e onde termina, realmente, o outro.

O espaço do diálogo se fecha e o que permanece é o choque entre os corpos, entre os movimentos e gestualidade dos mesmos. É nesse espaço que, na dificuldade, se pode ainda reconhecer uma confiança compartilhada, um único universo de valores, um campo de jogo comum, no qual ora os corpos se encontram, ora se afrontam e se misturam.

E é de fato no momento máximo da tensão que a mão de Maradona escapa da mão de Shilton, em pleno momento do combate, na máxima tensão – seu corpo inteiro necessita escapar. Maradona deve então mover-se sinuosamente entre uma nuvem de corpos feridos em seu orgulho nacional, corpos que se repetem – e descartados, um após o outro, terminam por constituir um único corpo coletivo, um único adversário. Maradona contra a nacional inglesa. Se a primeira explosão se referia à indisciplina, a segunda, agora mais tensa, inesperada, imprevisível, tem a ver com o gênio.

Aos 56 minutos, Maradona recebe a bola na metade do campo, de costas para o gol adversário, e no mesmo momento em que gira, já está superando dois adversários. Supera o primeiro, o segundo e, em seguida, avança.

Existe uma pequena grande verdade no ditado: "Não existem dois sem três". É a ideia de emersão de um ritmo, a partir de uma primeira repetição, que se faz acompanhar de uma iteratividade, de uma reiteração daquilo que acaba de acontecer⁶. Maradona supera o primeiro, depois o segundo e já se esperava que superaria um terceiro. Quando o terceiro é superado, Maradona aproxima-se mais e mais da área adversária, e nos encontramos, assim, dentro de um outro ritmo, dentro de uma outra história. Um novo espaço-tempo abriu-se, um espaço-tempo no qual "o passado apaixonadamente se mira no futuro" (BLOK citado por LOTMAN, 2006), em que aquilo que já aconteceu é também o que está para acontecer, que todos imaginam que acontecerá dali a pouco, que todos – após o fato consumado – sabiam que teria acontecido.

De fato, Maradona, então, supera o quarto adversário e, enfim, o quinto, Shilton, enquanto os outros – o sexto, o sétimo –, ao lado e à frente, tentam, desesperadamente, em um último ímpeto, atingi-lo e fazer com que ele e a bola que está agarrada aos seus pés parem. Nada a fazer. Maradona desliza até o final: simula ainda, supera Shilton, dá um pontapé na bola que segue em direção à rede; empurrado, parece cair, a bola está entrando. Ele, então, permanece, incredivelmente, em pé, vê a bola entrar e está já exultando. É gol. Ou melhor, como dirá por instinto e com a voz maravilhada um dos comentaristas da partida, "um poema de gol".

Maradona tira o jogo da prosa cotidiana, de seu ritmo usual, e o leva a um outro espaço, no qual aquilo que é singularmente sensato – o drible, – compõe um conjunto impensado e imprevisível, uma ação genial fora do ordinário, própria como um poema absurdo que se faz, compondo-o com pedaços da linguagem comum, aparentemente à disposição de todos. É a impensável concatenação do ordinário

que dá forma a um ritmo inaudível, que faz com que aconteça a imprevisibilidade.

Das "mãos de Deus" ao "poema de gol", dos 51 minutos aos 56 minutos. Cinco intensíssimos, incríveis minutos.

Se no primeiro gol – que é memória ardente, presente, não ainda realmente passado –, o que o espectador percebia era o cruzamento e o choque de dois ritmos diferentes e aparentemente incompatíveis, que inicia o sentido, enquanto o manda à destruição, aquilo a que se assiste nos 56 minutos finais – e aquilo que o espectador sutilmente percebe – é um fenômeno ainda mais complexo: é o salto de ritmo, o ingresso em um outro ritmo que, por sua vez, possibilita o retornar àquilo a que se está fazendo. É o saltar em um ritmo que não preexiste, mas se constitui no mesmo momento. Um ritmo que se constitui com a mesma matéria da qual emerge e se distingue.

Se, no primeiro gol, temos o máximo da intensidade, em um único ponto, aqui, no poema gol, temos um espaço extenso que nasce, se abre, no repetir-se interativo de um gesto – o drible – previsível, porém, imprevisito, aparentemente igual e, todavia, em seu acontecer e compor-se único.

Se o primeiro gol foi como uma certa falta de ar, o segundo é como uma longa, permanente apneia.

Se o primeiro gol, com aquele ambíguo golpe de cabeça/mão, havia chamado o espectador a "sentir-se ver", o segundo, com a sucessão de dribles, cada vez sempre mais esperados, mas sempre mais inaudíveis – como um espiral crescente ou como em um vórtice irresistível –, leva o espectador a "sentir-se movido", como se ele/ela, seguindo a ação de Maradona, fosse atirado para dentro de um baile, uma dança. Obrigado a seguir o corpo do outro que determina um novo ritmo, enquanto inventa uma nova música.

Existe um segundo tipo de explosão criativa, ao qual seja Lotman (2006), seja Greimas (1987), ainda que, com linguagens diversas, acenam. Greimas chama de "turbulência"⁷ o que na poesia de Blok (citado por LOTMAN, 2006), para explicar esse tipo de dinâmica, reaparece com interessante assonância sob o disfarce de "turbinas do mar".

O segundo gol de Maradona, o "poema de gol", o seu acontecer pouco depois da erupção explosiva da "mão de Deus", o seu significado em relação diferencial com o primeiro, pode ajudar-nos a ver melhor algumas das peculiaridades da explosão turbulenta. Existe, em efeito, nesse gesto futebolístico-poético, na iteratividade do drible, na variação, na repetição, aquele "aprofundamento sensorial"⁸ que Greimas atribui à dinâmica da turbulência. E enquanto o gesto se configura, de certo, como um ritmo "sustenido" que prolonga a espera, gerando inquietude, revigora a esperança que alcança o inesperado fim, a configurar, com a chegada do gol, uma global "síncope tensiva"⁹ – um arriscado deslocamento da acentuação – dentro do desenvolvimento do jogo, como nos mostra o construir-se em ato, de um ritmo (futebolístico) inaudível dentro do ritmo

(futebolístico) comum. E, todavia, isso que faz desta ação uma explosão diferente da "junção da não-junção", aquilo que faz da turbulência uma vertigem que se abre estando parado, que não deflagra em direção a outro lugar, mas, como a turbina no mar, "escava" o lugar no qual já se encontra, abrindo buracos e espaços dentro da realidade em que ele mesmo é, exatamente o acontecer do imprevisível dentro do campo de regras e construções dadas. É o realizar-se de uma liberdade, uma criatividade, dentro daquele mesmo espaço que, até um segundo antes, se apresentava regulado, obrigatório, fechado. Aqui não se brinca mais com jogo das regras – coisa que, entre outros, se e quando as regras são injustas, é necessário seja feito –, aqui se desfruta o jogo, bem como cada regra – até mesmo aquelas mais autoritárias e obtusas.

O jogador não pode tocar a bola com as mãos e com os braços, diz a regra; mas dada essa obrigação, não diz que não se pode "manejá-la" com o calcanhar, o joelho, o peito, os ombros, a panturrilha, o quadril, as nádegas, as costas, e muito menos diz com quais movimentos simulados o devemos fazer.

O senso comum futebolístico não se surpreende, certamente, diante de um ou dois dribles, mas fazer cinco e marcar dentro do quarto final de uma Copa do Mundo contra a Inglaterra partindo do meio do campo... inimaginável! Inacreditável! A verdade é que essa possibilidade é fora do sistema, de sua "regularidade" – daquilo que é permitido pelas regras que, "por norma", usualmente, aconteça –, mesmo sendo absolutamente dentro daquilo que se pode fazer "segundo as regras". Por isso, quando aquele gol acontece é como se abrisse um vórtice, um buraco, que leva a um outro lugar, mesmo permanecendo dentro do lugar onde já se está. As coisas aqui não explodem no sentido de que uma tensão imprevista a mande à destruição, projetando-a em direção e espaços diferentes; explodem no sentido que, colocada em movimento com todos os elementos do sistema, sobretudo daquelas possibilidades, assim, latentes, a fim de resultar impensante ou um aparecer impossível, turba a regularidade do conjunto, gerando uma tensão criativa que, a seu modo, é uma explosão de possibilidades de sentidos imprevistos e imprevisíveis. Como em uma transformação de fase, como a água que esquenta, a ponto de fervura, tende a fazer vapor, a turbulência, mais que um deflagrar, é uma reebulição. E o seu manifestar-se nos acende, nos esquenta, e faz evaporar todo bom senso, para deixar lugar a um eufórico turbamento.

Maradona, como um vento que turbina sobre si mesmo e entre os corpos, supera o primeiro, o segundo, o terceiro adversário. E nós, nós que não temos motivos para torcer contra, nós que, agarrados em sua turbina, o seguimos e, a cada giro, vivemos a experiência do novo drible, como apaixonado, gostoso, aprofundamento do prazer do drible anterior; nós, potencialmente todos, já vemos naquilo que acaba de acontecer – presságio hipotético, destino que poderia, inclusive, não se realizar, desejo da manifestação de um imprevisível, que se

deixa somente vislumbrar – aquilo que acontecerá... o quarto drible, o quinto drible. E, enfim, o gol.

O ritmo que emerge e se forma, como uma prolongada síncope do tempo do mundo, é um tempo diferente, simultaneamente dentro e fora do tempo. Uma espécie de êxtase mundana que transforma o tempo em puro ritmo, em tempo que se fixa em si mesmo, para recriar-se tempo ligado ao tempo, para concentrar-se sobre sua criação.

Não existe o presente, somente a impressão – e apreensão – de uma infinita, mas de qualquer forma, fugaz presença. Participamos de uma criação gestual na qual há tudo de imprevisível, mas nada de imoral. O "poema do gol" nos faz participantes de um espaço-tempo, em que podemos gozar da intensa tensão da criatividade sem nos envergonhar de seu envolvimento do real – infração de suas regras e de suas regularidades – que a criação, em outros casos, cria. Aqui, neste "jogo", não existe a astúcia que perverte as regras consideradas comuns, existe a habilidade no apropriar-se do jogo – o espaço de movimento que reside entre as restrições – que a cotidiana regularidade das coisas gera e nega, expõe e esconde simultaneamente. Existe o prazer da descoberta, daquilo que estava já à nossa disposição e que, todavia, era procurado, encontrado e, por conseguinte, a seu modo criado.

Poucos minutos depois da "mão de Deus", o mesmo homem, o mesmo jogo, nos lança a uma outra parte sem sair do jogo, mas jogando profundamente o jogo, jogando no jogo do jogo. Ao prazer da criação "transgressiva" e, simplesmente, "inventiva".

No "poema de gol" não existe nada de mesquinho com aquilo que acontece, nada de mesquinho no prazer de quem assiste, de quem dança ao ritmo do poema corpóreo, cinésico, de Maradona.

Esses gestos manifestos na comemoração do gol revelam que a essência do jogo se esconde no espaço de possibilidades que se encontram em meio às regras do jogo e do código sociocultural; revela ainda que a essência do jogo é uma difícil contingência à disposição do homem, uma essência sempre a ser reinventada. Esse gesto nos lembra que tudo aqui, até mesmo o golpe de mão, é humano e mundano: a indisciplina e o gênio, a astúcia e a habilidade, a explosão e a turbulência.

NOTAS

^[1] Tradução de Gláucia Brito.

^[2] Sobre Brasil e o "futebol arte", veja o texto de Paolo Demuru nesta edição de *dObra[s]*.

^[3] Sobre esse conceito, veja Lotman (1993, p. 33).

^[4] Retomando e reelaborando algumas ideias propostas por Greimas (1987).

^[5] Sobre a explosão como um momento de criação de um espaço unificado e privado de contradição, consulte Lotman (1993, p. 196).

^[6] Sobre o enunciado rítmico, veja Geninasca (2000), em particular o capítulo "Sintagma serial, coerência discursiva e ritmo" (p. 86-99).

^[7] Não é claro em Greimas se a "turbulência" é uma categoria isolada ou permanece como uma fugaz metáfora, um difícil conceito. De qualquer forma, veja Greimas (1987, p. 70). Sobre o interesse a ser atribuído à ideia de turbulência, consulte Greimas (1987) e Fabbri (1998).

^[8] Aqui e em seguida, trabalha-se com Greimas (1987, p. 55).

^[9] Lendo Greimas (1987, p. 70) não é completamente claro, pelo menos para nós, se a "síncope" e o "suportar" devem ser considerados como dois modos de modificação do ritmo ou ainda, duas espécies de "turbulência", ou se a síncope não se aproxima ao "acidente". Até mesmo o nosso texto trabalha no espaço da ambivalência.

REFERÊNCIAS

FABBRI, Paolo. *La svolta semiótica*. Roma: Laterza, 1998.

GENINASCA, Jacques. *La parola letteraria*. Milão: Bompiani, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Dell'imperfezione*. Palermo: Sellerio. 1987.

LOTMAN, Jurij Michajlovic. *La cultura e l'esplosione: prevedibilità e imprevedibilità*. Milão: Feltrinelli, 1993.

_____. *Tesi per una semiotica delle culture*. Roma: Meltemi, 2006.

SEDDA, Francescu. *Malinconia*. In: ABRUZZESE, Alberto. *Lessico della comunicazione*. Roma: Meltemi, 2003.